



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA – UFDPAR
CAMPUS MINISTRO REIS VELOSO

**SIGILO E LIBERDADE NO GRINDR: UM ESTUDO SOBRE EXPERIÊNCIAS
SEXUAIS MASCULINAS MEDIADA POR APLICATIVO**

Victor Bruno Barbosa Silva

Parnaíba-PI

2023

Victor Bruno Barbosa Silva

**SIGILO E LIBERDADE NO GRINDR: UM ESTUDO SOBRE EXPERIÊNCIAS
SEXUAIS MASCULINAS MEDIADA POR APLICATIVO**

**Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade
Federal do Delta do Parnaíba – UFDPa como requisito para obtenção
do grau de Formação de Psicólogo.**

Orientador:

Prof.º.Dr. Guilherme Augusto Souza Prado

Parnaíba-PI

2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Central Prof. Cândido Athayde
Serviço de Processamento Técnico

S586s Silva, Victor Bruno Barbosa
Sigilo e liberdade no GRINDR: um estudo sobre experiências sexuais masculinas mediada por aplicativo [recurso eletrônico] Victor Bruno Barbosa Silva. – 2023.

1 Arquivo em PDF.

TCC (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Guilherme Augusto Souza Prado

1. Sexualidades. 2. Gênero. 3. Minorias Sexuais. 3. Masculinidade. 4. Aplicativo de Relacionamento. 5. Comportamento Sexual. I. Título.

CDD: 392.6

Sumário

Resumo	4
1 Introdução	5
2 Metodologia	8
3 Resultados e Discussões	10
3.1 O Aplicativo Grindr	10
3.2 “Não me considero gay, me considero singular”	13
3.3 “Meu maior medo é de sofrer agressão física por quem tá do meu lado”	17
3.4 “Os Padrões preferem se relacionar com semelhantes, eu sei meu lugar”	19
4 Considerações Finais	22
5 Referências.....	24

Resumo

O presente artigo aborda os sentidos das várias formas de vivência da sexualidade possibilitada no *Grindr*, bem como o sigilo e liberdade no contexto on-line. A proposta é analisar, no âmbito da cidade de Parnaíba, os discursos e modos de subjetivação de Homens que Fazem Sexo com Homens – HSH. Para isso, foi realizada uma imersão no aplicativo com a criação de um perfil e utilizada a modalidade de entrevista qualitativa individual. Em nossa pesquisa, notamos que os discursos e práticas não-discursivas não são estáticos e acabados, estão sempre se modificando, em movimento. O *Grindr* possibilita novas formas de se relacionar e experienciar a sexualidade, com isso, apontamos a urgência da criação de pautas para se discutir os limites e as potencialidades dessas modalidades de relacionamentos entre homens e como essa discussão pode possibilitar a análise crítica das normas sociais em torno da sexualidade que são replicadas nesses espaços.

Palavras-chave: Minorias Sexuais e de Gênero; Masculinidades; Sexualidades; Aplicativo de busca por parceiros

1 Introdução

Desde o final do século XX observa-se um crescimento e expansão do uso a internet onde os aplicativos destinados a paquera e encontros estão cada vez mais presentes na vida das pessoas. Para Lévy (2010), o ciberespaço, também denominado de rede ou redes, é definido como um oceano de informações intotalizável que armazena muitos dados, conectando pessoas de todo o mundo. Há muitos usuários que usufruem das chamadas redes sociais para se conectar a quem está distante, mas não só isso, também para a paquera e encontros amorosos/sexuais com quem está próximo, como é o caso dos aplicativos direcionados ao relacionamento entre as pessoas.

Nepomucena e Pereira (2020), apontam que a intermediação na busca por parceiros sexuais e amorosos não é de agora, mas começa nos anos 1990 com empresas especializadas em facilitar o encontro do par ideal conforme os desejos de seus clientes. Trabalho que era realizado por agências específicas que coletavam muitas informações dos usuários e a partir disso devolviam, depois de alguns meses, os resultados com a apresentação da(s) pessoa(s) que cumpria(m) satisfatoriamente com os critérios estabelecidos, como uma análise combinatória de perfis.

Ainda segundo as autoras, entre 1995 e 1996 aumenta o uso da internet comercial no Brasil para cidadãos com alto poder aquisitivo e escolarizados. Assim, essas agências começam a ser substituídas pelos sites de paqueras, dentre eles o intitulado "Par Perfeito", um dos mais utilizados. Nele, o tempo se torna mais curto para o encontro do par ideal, pois é possível uma busca mais direta pelos usuários, sendo possível interagir através de chat.

A partir dos anos de 2007 e 2008 há um avanço no acesso à internet e uma parcela maior da população entra no chamado oceano das redes de comunicação. Nessa época entram em cena os bate-papos dos sites onde são aprimoradas as trocas de mensagens em tempo real. Um exemplo disso é o MSN, que vinha acompanhado da possibilidade de compartilhamentos de fotos e vídeos.

No âmbito do debate sobre internet e o exercício da sexualidade, Patzdorf (2018) discorre que as tecnologias exercem uma estreita relação com a vivência da sexualidade. As mídias não só se encarregam de facilitar a representação do sexo através de fotos e imagens, mas também agenciam encontros entre os internautas para a efetivação do que conhecemos como sexo virtual, que não parte necessariamente de um encontro cara a

cara, nem se efetiva como o ato carnal. Assim, a interferência das tecnologias digitais na esfera da sexualidade não se inicia e nem termina no próprio corpo, mas são incorporadas na virtualização das práticas sexuais, produzindo novos modos de subjetivação.

Nesse cenário, os aplicativos de celulares contribuem para também para a expansão das mídias digitais na vida sexual das pessoas, pois possibilitam “organizar orgias com nossos vizinhos por meio dos *hookup dating apps* (Patzdorf, 2018, p. 172), em casos no como o *Grindr*, por meio da geolocalização. Isso acentua mais ainda a dinâmica e a velocidade dos encontros, além de favorecer um maior número de interação entre os usuários (Nepomucena & Pereira, 2020).

Aparecem, nesse contexto, aplicativos como o *Tinder*, *Grindr* e *Scruff*, dentre outros, baseados em funcionalidades que utilizam os algoritmos e armazenamento de dados nas suas buscas e interações e propiciam maior eficácia nos encontros baseados em suas preferências e distância geográfica. Diferentemente das antigas agências que possuíam formulários de cadastros muito extensos, nos aplicativos o usuário pode colocar, além de uma descrição breve, algumas fotos, facilitando a rapidez no cadastro, não sendo obrigatório o preenchimento de muitas informações.

Como demonstrado acima, as discussões a respeito da possibilidade de uso da internet para fins de encontros e relacionamentos não são exatamente recentes. Desde os antigos sites de bate-papos já existiam relacionamentos e encontros mediados ou agenciados pela internet, através das plataformas de paqueras criadas com o intuito de facilitar o encontro de pessoas em busca de relacionamentos.

Nesse plano de constantes avanços, e, considerando o recorte de interações entre homens que se relacionam com outros homens mediadas pela internet, em 2000 entra em cena o primeiro site voltado especificamente para encontros e relacionamentos homoeróticos entre homens intitulado de MixBrasil (Júnior, 2014). Sendo muito aceito e utilizado por homens.

De acordo com Medeiros (2017), os aplicativos de encontro favorecem, por um lado, modos de interação que extrapolam a forma tradicional de relacionamento presencial, possibilitando uma ferramenta de interações afetivas e sexuais entre e para homens mantém relações com outros. Mas por outro, seu uso acaba favorecendo a perpetuação dos discursos calcados em traços de sexualidade hegemônica em aplicativos de encontros como o *Grindr*.

Uma questão apontada por Miskolci (2017) e Jesus (2017) diz respeito à mudança na forma de relacionamento para o campo virtual, pois estas representam para muitos homens relações mais sigilosas, uma vez que estar no aplicativo é estar fora do meio (abertamente) gay e com muitos perfis que podem ser escolhidos por um clique, estabelecendo, assim, uma relação de clientela, uma vez que o usuário do aplicativo pode escolher, com base em critérios morais, físicos dentre outros provenientes de discursos hegemonicamente dominantes de masculinidade, os parceiros mais interessantes.

Já Miskolci (2017, p. 13) pontua que as relações estabelecidas no Grindr apresentam-se como uma “mercado-lógica que modula não só a busca, mas subjetividades”. Com isso, o autor problematiza a tendência, nos aplicativos, da implementação de discursos excludentes e homofóbicos. O que pode se atualizar, nas relações pelos aplicativos, em um certo afastamento daquilo que é considerado como moralmente errado, que foge à heteronormatividade compulsória vista como ideal normativo social (BUTLER, 2010; RIOS, 2007).

Refletir acerca dos modos de subjetivação nas relações entre homens no Grindr não implica focar somente em seus processos psicológicos internos, sobre o que cada uma faz frente às situações e estímulos propiciados no aplicativo. Tampouco implica em atribuir os discursos, hábitos e crenças como algo derivado unicamente de valores da própria pessoa, mas analisar o porquê de tal discurso e como ele é constituído nas interfaces entre produção social e produção de subjetivação.

Para efeito de considerar os homens que mantêm a posturas menos voltadas para a constituição ou publicização de uma identidade de gênero homossexual e para pensar além das questões de pertencimento e identificação, os usuários do Grindr serão abordados nessa pesquisa como a categoria de homens que fazem sexo com homens (HSH). HSH é uma categoria empregada para englobar todos os que utilizam os aplicativos como mecanismo de busca de parceiros, mas sem necessariamente se verem ou se identificarem como membros da comunidade LGBTQIA+ (Brasil, 2017). Ela nos serve para expandir o campo de análise para além da categoria da homossexualidade masculina e alcançar os demais usuários com vivências múltiplas de sua sexualidade.

Com efeito, constatamos por meio da trajetória dos aplicativos de encontro que a popularização das modalidades de paquera/encontro/sexo mediados pelos aplicativos favorece a mudança e abre novos horizontes nas formas de se relacionar, afetiva, sexual

e romanticamente. Horizontes que nos levam a considerar a importância de debates e estudos sobre o tema e de suas reverberações na vida cotidiana, principalmente tendo em vista que existem poucos trabalhos que aprofundam a análise dos modos de constituição, efetuação e atualização dos discursos e processos de subjetivação agenciados nas e pelas formas de interação mediadas e negociadas através desses aplicativos.

Nesse âmbito, Fernandes (2011) destaca que a subjetividade é produzida pelo exterior. Destarte, os sentidos das várias formas de vivência da sexualidade possibilitada no Grindr, bem como o sigilo, liberdade e a produção de corporeidades no contexto online se constituem como objeto deste estudo produz reverberações no espaço offline também se atravessam e se produzem. A proposta é analisar, no âmbito da cidade de Parnaíba, os discursos e modos de subjetivação dos HSH. Para isso, esse artigo foi estruturado em quatro seções.

Na primeira seção, intitulada “O aplicativo *Grindr*”, apresentamos uma breve contextualização do espaço de investigação, as principais ferramentas disponíveis e algumas considerações sobre o aplicativo. Na seção “Não me considero gay, me considero singular”, apresentamos, por meio de algumas entrevistas considerações dos usuários acerca da não identificação em categorias pré-determinadas. No terceiro tópico “Meu maior medo é de sofrer agressão física por quem tá do meu lado” discutimos o lugar e importância do sigilo e da liberdade nos aplicativos, problematizando a heteronormatividade como disparadora de violências.

No terceiro e último tópico deste estudo intitulado “Os Padrões preferem se relacionar com semelhantes, eu sei meu lugar” demonstramos algumas mudanças e atualizações dos considerados corpos padrão na visão dos usuários do *Grindr*. Observamos que diferentemente de alguns estudos recentes (Medeiros, 2017; Miskolci, 2017; Jesus, 2017) que abordam a temática dos discursos circulantes no *Grindr* já publicados, em sua maioria em cidades de grande porte, as preferências e formatos de interação variam, o que nos chama a atenção para a contextualização partindo do atravessamento de locais de realização da pesquisa, que no caso desse estudo é desenvolvido em uma cidade de médio porte, localizada no interior do Piauí.

2 Metodologia

Para a presente pesquisa foi utilizada a entrevista qualitativa com a utilização do tópico guia discutida por Gaskell (2002). Assim, nos valem de perguntas elaboradas

antes da entrevista, levando em conta adaptações e modificações realizadas no decorrer da conversa com os participantes para, a partir disso, acrescentar nas próximas interações as informações que emergiram a partir dos contatos anteriores e que se mostraram relevantes dentro dos objetivos da pesquisa. O tópico guia funciona como um direcionamento para o entrevistador no momento do contato com o entrevistado e não possui a finalidade de ser um questionário com perguntas fechadas.

Para a utilização do tópico guia na presente entrevista qualitativa, primeiro realizamos uma leitura de aprofundamento crítico acerca da produção científica a respeito das interações masculinas no Grindr junto ao reconhecimento do campo de pesquisa, no caso o aplicativo, por meio de interações com os conteúdos e as diversas funcionalidades e formas de uso. Essa abordagem metodológica se mostrou útil, pois com ela foi possível analisar o que foi encontrado na literatura, bem como adaptar as perguntas para a realidade em que o estudo aconteceu. Em seguida, a segunda etapa foi de recrutamento dos participantes para a entrevista.

A pesquisa foi iniciada com um perfil pessoal através de uma busca ativa na cidade de Parnaíba, estado do Piauí, sem foto do pesquisador e identificação. Através desse perfil abordamos os usuários que almejávamos recrutar para a pesquisa, e em seguida explicar os objetivos do estudos, porém não ocorreu aderência por parte destes usuários, uma vez que, devido o aplicativo ser esse espaço de negociação sexual, no momento que era realizado o convite para a pesquisa, os usuários bloqueavam o perfil que estava sendo usado com o intuito de recrutar os participantes.

Devido à pouca aderência ao perfil utilizado para o recrutamento, optamos pela utilizar um perfil formal, com “Pesquisa” no lugar do nome e a foto do pesquisador. Na descrição do perfil constava a seguinte legenda: “Sou graduando do curso de Psicologia da UFDPAr e estou pesquisando, por meio de entrevistas, sobre a homossocialização via aplicativo na cidade de Parnaíba. Caso aceite participar, posso enviar mais informações sobre a pesquisa”. O termo homossocialização foi discutido por Cardoso, Paz, Rocha e Pizzinato (2019) e foi utilizado para descrever as relações entre homens estabelecidas no âmbito do *Grindr*.

A finalidade da alteração das informações do perfil objetivou garantir maior confiabilidade aos usuários para o recrutamento e conseqüentemente a participação na pesquisa. Esse tipo de mudança de estratégia de recrutamento foi baseado e referendado

pelo estudo de Cardoso et al. (2019), também realizado no *Grindr*, em que os pesquisadores obtiveram sucesso no contato com os usuários a partir de um perfil institucional. Em ambos os estudos, de fato, tal estratégia se mostrou mais proveitosa no âmbito do recrutamento dos participantes uma vez que o contato foi iniciado pelos próprios usuários do aplicativo que demonstraram interesse em colaborar com a pesquisa.

No presente artigo optamos por sinalizar o participante na ordem em que aparecem no texto (p1, p2, p3, p4) como forma de impossibilitar a identificação dos entrevistados. Junto a isso, realizamos uma breve explanação de dados pertinentes para compor a discussão como a faixa etária, nível de escolaridade e tempo de uso do *Grindr*.

Após o contato inicial e interesse em colaborar com a pesquisa foram disponibilizados aos usuários mais detalhes sobre o estudo. Foi explicado brevemente o objetivo, informações sobre a não identificação dos participantes, bem como o envio do termo de consentimento livre e esclarecido pelo *WhatsApp* constando de forma detalhada cada passo do estudo. Após a apreciação dos participantes estes respondiam se aceitavam colaborar com a pesquisa, assinavam o termo e eram marcadas as entrevistas que aconteceram de forma presencial e remota, nessa última modalidade, com a utilização do *google meet*.

3 Resultados e Discussões

3.1 O Aplicativo Grindr

O *Grindr* é o aplicativo de geolocalização mais utilizado entre o público de HSH, foi lançado em 2009, e segundo o próprio site, é o maior aplicativo de rede social para o público de gays, bissexuais, transexuais e pessoas queers do mundo. Esse aplicativo permite que homens se conectem com outros homens em determinada faixa de proximidade geográfica, apresentando como características encontros sigilosos, casuais e rápidos.

Para acessar o aplicativo, os usuários devem ter a partir de 18 anos de idade e pode ser baixado gratuitamente nas lojas de aplicativos do Android ou IOS. Ao criar o perfil, as pessoas podem escolher se colocam ou não fotos. Além disso, existem um total de oito recursos de informações: NOME, SOBRE MIM, MINHAS TAGS, ESTATS, EXPECTATIVAS, IDENTIDADE, SAÚDE E REDE SOCIAL. Após a realização do

cadastro, que pode ser feita utilizando e-mail ou Facebook, o usuário coloca o nome, e, de forma opcional, faz uma breve descrição na seção “sobre mim”.

O usuário pode escolher até dez TAGS onde o próprio aplicativo fornece sugestões com base em quatro sessões: 1. Meus fetiches (agora, amizadecolorida, axila, brinquedos, beijos, borracha e mais 60 opções) 2. Meus passatempos (artes, filmes, escrever, moda, jogos, músicapop, soneca, tatuagens, yoga, etc), 3. Minha personalidade (gostadegatos, pai/mãe, romântico (a), confiável, discreto (a), deboas, direto (a) e etc), e 4. Outras TAGS que englobam as demais que não foram incluídas na seção, como, por exemplo, barbudo, depilado soropositivo, drogas, másculo, peludo, universitário, afeminado, ursinho, etc...

Na seção “ESTATS” as opções de escolhas para marcar são idade, altura, peso, etnia, tribos, porte físico, posição sexual, relacionamento atual. Outra seção denominada de “EXPECTATIVAS” é um espaço onde os usuários podem descrever o que buscam no aplicativo, tais como: quais as preferências para encontros, se aceita “NSFW” é uma gíria que significa *Not Safe for Work* que é usada como alerta para conteúdos impróprios como fotos sem roupas, também chamado de “*nude ou nuds*”.

Na seção “IDENTIDADE” existe um espaço relacionado ao gênero e outro para colocar os pronomes utilizados pelos usuários. Na Seção “SAÚDE” possui o espaço para colocar o status HIV, último exame e a opção “lembrar de fazer o teste depois”, já na última seção destinada às informações, há um espaço para vincular demais redes sociais diretamente no app como o *Instagram, Spotify, Twitter e Facebook*. Além dessas seções, caso os usuários queiram colocar preferências ou informações adicionais, existe a opção “sobre mim” em que os usuários do aplicativo podem descrever-se em texto livre com limite de até 255 caracteres.

Após a criação do perfil os usuários têm a opção de usar a versão gratuita, *XTRA* ou *Unlimited*. Segundo o aplicativo, a versão gratuita oferece até 100 perfis. Quando o aplicativo foi acessado, no âmbito da pesquisa, não conseguimos alcançar o número de perfis que é divulgado na versão gratuita. Os perfis mostrados aos usuários são baseados em sua geolocalização com os perfis mais próximos no topo da tela.

Os usuários desse aplicativo podem interagir com os perfis próximos com a possibilidade de interagir com o “*Tap*” que tem o objetivo de chamar a atenção de outros perfis. No aplicativo tem 3 emojis que podem ser acionados: o primeiro é representado

por um biscoito que significa “amigável”, o outro ícone representado por um rosto sorrindo com chifres que significa “interessado” e o outro com símbolo de uma chama acesa significa “atraente”.

Além do “*Tap*” é possível realizar chamadas de vídeo, enviar e receber fotos e mensagens, podendo também salvar frases que ficaram armazenadas e que podem ser enviadas na interação. Por meio da imersão dos pesquisadores no aplicativo e o contato com os usuários muitas frases do tipo “afim de que?”, “curte o que?” “afim de uma real?” se repetiram com bastante frequência. A versão *XTRA* possibilita alcançar 600 perfis, sem anúncios, e conta filtros avançados para selecionar perfis por idade, recibos de leitura das mensagens enviadas, salvar frases como favoritas para enviar e a possibilidade de marcar as conversas recentes.

Na versão *Unlimited* os usuários contam com perfis ilimitados, sem anúncios, podem saber por quem o perfil foi visto, pode conversar no chamado “explorar” onde pode-se escolher de forma manual o local para as interações em outras partes do Brasil e do mundo sem depender dos perfis que estão geograficamente próximos. Além disso, ainda pode-se enviar fotos que expiram, colocar o modo incógnito em que os demais usuários não saberão que o assinante visualizou o perfil, tem acesso ao cancelamento de envio de mensagens, ao recibo de leitura, tradução de chat e status de digitação.

Essas facilidades no que se refere às ferramentas do Grindr vão aumentando conforme o plano assinado, os planos *XTRA* podem ser semanais, mensais, trimestrais ou anuais, o *Unlimited* é somente mensal. A partir do exposto e corroborando Monica e Costa (2020) sobre a influência das relações de compra e venda nos aplicativos de encontro, observamos que aspecto mercadológico tem relevo determinante ali.

Se as antigas agências se especializavam na proposta de “encontrar o par perfeito”, na atualidade constata-se que a venda de serviços intermediados pelos aplicativos é mais sofisticada, de forma em que os próprios usuários conseguem aplicar os filtros de suas preferências, o que gera a sensação de liberdade ao escolher as pessoas conforme seus interesses a partir da visualização de fotos que, geralmente, mostram apenas partes do corpo.

Nessa perspectiva, uma outra questão observada no site do *Grindr* são as fotos de divulgação realizadas pela própria empresa, pois, diferente da divulgação que acontecia nos sites de bate-papos mais antigos, com fotos de homens brancos, másculos

que se aproximavam a um padrão de beleza, virilidade, heteronormatividade e apelo para relações exclusivamente monogâmicas, na divulgação neste aplicativo são apresentadas fotos de homens que fogem à norma de um padrão de beleza e de masculinidade hegemônicos, como demonstra a Figura 1. Além disso, os textos de divulgação no site da empresa propõem o respeito às diferenças e defesa de direitos humanos da comunidade LGBTQIA+ (Grindr, 2022).

Figura 1: Foto de divulgação no site oficial do Grindr



Fonte: Grindr (2022)

Mesmo com esse investimento realizado nas divulgações do aplicativo, ainda é comum que a grande maioria dos usuários não mostrem as fotos com seus rostos, optando por partes do corpo e até mesmo um perfil sem foto, visto que não é obrigatório colocar uma imagem no perfil. Em vários destes perfis, que mostram apenas partes do corpo ou não possuem fotos, é comum se deparar com a preferência ou exigência pelo sigilo como imprescindível para a negociação do encontro/sexo, ao mesmo tempo em que se instiga uma curiosidade em saber quem está do outro lado da tela.

3.2 “Não me considero gay, me considero singular”

No âmbito das análises do presente artigo utilizaremos as reflexões de Michel Foucault (1996) sobre o discurso. De acordo com Medeiros (2017, p.56), a perspectiva foucaultiana de análise do discurso implica relacionar e pensar a questão do poder às práticas discursivas e à produção de subjetivação, pois a produção discursiva “é controlada, pinçada e organizada a partir de lógicas que estabelecem lugares de diferenças

aos sujeitos”. Esses modos de localização ética, estética e política forjam o sujeito em relação a si e aos atravessamentos sociais.

Analisar os discursos circulantes no *Grindr* é ir além do que é relatado pelos usuários. É pensar como, ao longo do tempo, os discursos sobre a relação entre homens foram sendo pensados e incorporados como verdade no cotidiano dos HSH. A presente investigação parte da análise dos discursos colhidos no contato com os participantes como anteriores à efetivação destes.

A produção do discurso, de acordo com Foucault (1996, p, 11) é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída”. Ou seja, o que é exposto pelos usuários do *Grindr* são discursos codificados e razoavelmente orquestrados antes mesmo de serem replicados por esses usuários. Partem de imposições e circuitos simbólico-discursivos, de conhecimentos prévios e já estabelecidos no âmbito da circulação social antes mesmo de ser replicado como verdadeiro. Nesse âmbito, de acordo com Miskolci (2017), a vigilância e perseguição no que se refere à sexualidade não parte mais somente da medicina psiquiátrica e da polícia, mas também do controle cultural e midiático.

Assim, a proposta em que apoiamos a nossa investigação dos discursos circulantes no *Grindr* não se prende em estudar o discurso de dentro, ou seja, definir como ele funciona ou a sua essência, mas explicitar suas condições de possibilidade seus efeitos ético-políticos no âmbito dos processos de subjetivação, daquilo que ele gera. Para isso, lançamos mão de uma descrição crítica, demonstrando as fundamentações que levam a tais discursos, a sua proveniência, onde aparecem e suas condições de possibilidade (Foucault, 1996).

No atual momento, o discurso hegemônico verdadeiro sobre a sexualidade apresenta as relações heterossexuais como as únicas, viáveis e possíveis e o que está fora disso se enquadram como dissidentes do sistema sexo/gênero. Mesmo existindo debates insurgentes, dissidentes ou diversos, ainda se perpetua uma lógica centrada na relação homem e mulher. O que aparece inclusive entre os próprios HSH que utilizam o *Grindr* para negociar sexo com outros homens, na medida em que muitos destes mantém as relações com mulheres em público e com outros homens em segredo (Miskolci, 2013).

Um ponto interessante sobre essa questão emergiu nas entrevistas com um usuário já graduado, com faixa de idade na faixa dos 20 relata que usa o aplicativo há seis anos, e discorre que o *Grindr* é um local de refúgio para relações descomplicadas, rápidas

e sigilosas, sem a necessidade de cumprir deveres com a moralidade e bons costumes: “se você tá querendo sexo rápido é uma coisa que você encontra no *Grindr*, não precisa ter um longo papo ou uma conversa extensa, mas por outro lado você pode encontrar pessoas tóxicas que te expõe por aí, gente criando perfil fake em outras redes sociais para expor todas as fotos (nudes e rostos), corre esse risco” (P1).

Nessa mesma linha, outro entrevistado universitário, na casa dos 30 anos complementa: “muitos que eu já saí são em sigilo, sigilo mesmo, muito numa pira por sigilo, não vou mentir, pessoas que são casados com mulheres, têm namorada ou não quer que ninguém saiba que ele está no aplicativo porque não é assumido. No *Grindr* tem muito homem casado com mulher que tá no aplicativo” (P2).

A lógica binária hetero/homo não abrange o espectro de gênero, nem a multiplicidade de relacionamentos sexuais estabelecidos atualmente. E, se levarmos em conta os muitos usuários que utilizam o aplicativo, percebemos que as análises que enquadram homens casados que mantêm relações com outros homens na categoria homossexual restringe muito a complexidade da questão.

Esse ponto ganha materialidade nos discursos de um entrevistado quando relata: “não me considero gay, me considero singular, eu curto sexo com homens, mas não me enquadro como ‘GLS’, não levanto bandeira nenhuma” (P3). Apontando essa questão quando perguntado sobre as vantagens de se utilizar o aplicativo.

Nessa entrevista, diferente das demais existe um ponto relacionado a idade, enquanto os demais tinham idades de 18 a 30, esse usuário estava na faixa etária dos 50 anos, que cursou até o ensino médio, relata usar o *Grindr* há um ano e que conheceu por meio de anúncios no *google*. O seu discurso sobre as identidades sexuais não vai de encontro com os demais, no caso de “GLS”, uma sigla que não é utilizada com muita frequência atualmente e que não foi mencionada por nenhum dos outros participantes que nas colocações sobre as identidades se referem a LGBT ou LGBTQIAP+.

Com esse relato, observa-se que no *Grindr* em Parnaíba, ao menos em parte dos perfis entrevistados, ocorre uma mudança nas formas de viver da sexualidade, pois esta é experienciada sem a necessidade de prestar conta a sociedade, uma vez que não se tem a obrigatoriedade de performar a heterossexualidade (Butler, 2010) que é requerida como ideal, como não há uma cobrança para que se encaixe em uma outra forma de identificação dentro das disponíveis.

Essa questão amplia o espectro possível das experiências de encontro ou relacionamento quando mediadas por aplicativos, uma vez que nos leva refletir sobre as relações aquém ou além da heteronormatividade, a partir do conceito de experiência sexual, levando em consideração a importância das dinâmicas com as quais os atores se constroem enquanto sujeitos sexuais (Policarpo, 2016).

Estar no armário nos dias de hoje é algo que ainda circula nos discursos dos HSH no *Grindr* como foi apontado durante a entrevista “se você mandar sua foto imediata, você vai cair na boca do povo, vão te tirar do armário a força, então muito cuidado, evito ao máximo mandar foto de rosto” (P.3). Nos relatos o medo da exposição, de ser tirado do armário foi compartilhado entre todos os entrevistados.

Nos estudos de Sedgwick (2007), a questão do dentro e do fora do armário, parte mais de considerar a produção de outras vivências possíveis da sexualidade do que ditar, em certa medida, a saída do armário como única saída para vivência completa da sexualidade. Essa questão passa por um processo de não imposição de um outro ideal normativo sobre o que achamos que é certo, que a saída do armário teria de ser necessariamente tida como benéfica, por exemplo; mas de compreender as formas de produção de subjetividades nesses espaços que são pouco acessados.

O Grindr, a partir dos discursos dos usuários, funciona como um local de extrema importância para a vivência da sexualidade que não aconteceria se fossem no contexto offline. Nas palavras de um usuário que relatou ter tido sua primeira experiência sexual com outro homem por causa do *Grindr* é apontado que “com o uso do aplicativo você vai se envolvendo, descobrindo outros lados da sua sexualidade, na medida que você vai se envolvendo com pessoas que você pensava que talvez você não fosse se envolver se fosse em outros tempos, o Grindr teve esse lado bom, abriu esse leque de oportunidades em relação aos relacionamentos” (P1).

Devido não ser desligado do mundo material e estar intimamente conectado ao contexto offline, o *Grindr* repercute a circulação de discursos preconceituosos e violentos, mas, para além disso, também foi observado no aplicativo que os HSH se apropriam desse espaço para construir outras modalidades de paqueras e formas de interação como é o caso dos de interações sem a necessidade de desenvolver conversas longas para a efetivação da relação sexual.

3.3 “Meu maior medo é de sofrer agressão física por quem tá do meu lado”

Os relacionamentos entre homens no *Grindr* apresentam algumas especificidades que merecem ser consideradas. Não é raro, por exemplo, encontrar nas descrições dos perfis frases do tipo “discreto e fora do meio”, “só macho” e “sigilo sempre” remetendo a um espaço seguro para que homens que não se identificam enquanto gays possam negociar o sexo casual.

Durante o contato com os participantes da pesquisa, alguns relataram que o *Grindr* possibilita maior segurança pois podem manter as relações sexuais sem a necessidade de se expor, ser julgado e até sofrer violência física. A questão do sigilo foi relatada por todos os participantes da pesquisa como essencial para se proteger de violências físicas, que segundo eles ainda é muito presente na sociedade, como foi ilustrado por um usuário:

“Hoje em dia a sociedade é o que é ainda, eu não criei essa coragem de interagir de forma mais aberta com pessoas fora do aplicativo, mais pelo fato de ser julgado, pelo medo de ser julgado. Medo nem tanto pelas palavras, mas medo de que em muitos casos acontece, ser espancado essas coisas, porque já ocorreu muito, já tive amigo que apanhou por que ‘tava’ ficando com o namorado dele na praça e aconteceu [violência física]” (P1).

A questão de a violência física ser a maior preocupação na efetivação dos encontros presenciais foi um ponto central ao pensar a liberdade. Os usuários apontam que a intermediação da paquera pelo *Grindr* os protege de retaliações devido a vivência de sua sexualidade que não obedece a norma vigente.

A partir disso, os sentidos do sigilo e liberdade foram sendo traçados não como questões somente de ordem interna, individual ao usuário do aplicativo como resultante de uma vergonha ou rejeição a respeito da própria sexualidade, de gostar do que se gosta ou de ser quem é. No âmbito do sigilo, o sigilo é tido como uma estratégia para fugir dos mecanismos de controle social que, segundo os usuários entrevistados, se efetivam em violências físicas.

Fernandes e Souza (2020) analisam que os discursos, incluindo principalmente os políticos-religiosos, ainda possuem grande força de padronização e aniquilamento das vivências de sexualidades dissidentes. Tais discursos repreendem as diferentes possibilidades de viver a sexualidade para além da heteronormatividade compulsória, produzindo punições e privações que se expressam das mais variadas formas e, em casos

extremos, se efetivam na violência praticada contra pessoas dissidentes do sistema sexo/gênero.

Sob essa norma hegemônica de masculinidade e relações sigilosas a qual nos referimos funcionam os discursos tidos como verdadeiros e os modos de vida tidos como normalizados. Foucault (1999) discorre que a partir do século XIX, somado a uma inflação dos discursos e práticas dedicadas à codificação da sexualidade, há um obscurantismo relacionado ao sexo, onde esse tema não é falado e a norma colocada pela sociedade burguesa é o casal procriador que não fala abertamente do sexo.

Tudo aquilo que não se destina a procriar, diga-se, o sexo como prazer carnal, como forma de obtenção de conhecimento ou relações homo, é denegado. Uma característica que fica patente na forma com que se atualiza em certos relacionamentos entre homens exercidas no *Grindr*, onde uma vez que as relações sexuais entre homens acontecem, elas não devem, em hipótese alguma, serem demonstradas ou faladas em público.

Essa norma passa por modificações e seus objetivos vão sendo paulatinamente reorganizados. Na Grécia Antiga, por exemplo, a relação entre homens era não só vista como algo cotidiano, mas valorizado como parte de um ritual de passagem com homens jovens de idades entre 12 a 20 anos com outros homens considerados mais experientes. Essa passagem marcava a transmissão de conhecimento e valores de uma geração a outra (Toniette, 2006). O “Estado homofóbico” (Toniette, 2006, p. 45) aparece na Europa medieval a partir das relações estabelecidas entre igreja e estado em que a sexualidade foi posta na ordem do sagrado, estabelecendo uma norma heterossexual como ideal, sem espaço de crítica e questionamento.

Ainda de acordo com Toniette (2006) por volta de 1700 os relacionamentos amorosos/sexuais entre homens foram elevados à categoria de crimes. Em 1886, um médico católico cria o termo homossexualismo, colocando as relações entre pessoas do mesmo sexo como doença, baseando-se na ideia de regulação das relações, para que fossem única e exclusivamente para a reprodução da espécie.

O obscurantismo relacionado à sexualidade humana ocorre por meio de uma repressão que se constrói ao longo de vários anos e cenários. Essa repressão é definida “como condenação ao desaparecimento, como injunção ao silêncio, afirmação de

inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber” (Foucault, 1999, p. 5).

Para Toniette (2006) falar de sexualidade é investigar os seus significados, sentidos e construção social. A sexualidade hoje nem sempre foi como se apresenta, foi construída ao longo de vários eventos e discursos que reverberam, mesmo que parcialmente, com o que nos deparamos atualmente nos aplicativos.

3.4 “Os Padrões preferem se relacionar com semelhantes, eu sei meu lugar”

No *Grindr* os usuários estão imersos em um espaço em desenvolvem formas próprias de interações que se iniciam e terminam no próprio aplicativo, por meio do uso de imagens, áudio e chamadas de vídeo. O *Grindr* possibilita não só conhecer o corpo que está do outro lado da tela, mas em alguns casos até a prática do sexo virtual, sem o toque, mas com o uso dos outros sentidos como audição e visão. No espaço virtual o corpo é alvo de discursos e práticas não discursivas que regulam quais os formatos aceitáveis, permitidos ou mesmo desejáveis nas diferentes ocasiões.

O corpo, nesse estudo, é analisado como constante movimento e mudança. Lachi e Navarro (2012) baseados nas discussões propostas por Michel Foucault apontam refletir sobre a desnaturalização do corpo, uma vez que ele não nasce pronto, mas é moldado em duas instâncias, no âmbito individual (disciplina) e no coletivo (biopolítica) onde uma esfera não anula a outra, mas são complementares na construção da norma. O corpo moldado pela mídia pode ser analisado, em um primeiro momento, sob a ótica da televisão e revistas e hoje atualizado pela internet, mais especificamente as redes sociais, incluindo o próprio *Grindr*.

Nos estudos de Saraiva, Santos e Pereira (2020), de Medeiros (2017) e de Jesus (2017) e Miskolci (2017) sobre os preconceitos e a masculinidade hegemônica reproduzida nos discursos dos usuários do *Grindr* é apontado que os encontros sexuais se concretizam entre os chamados iguais, sendo eles os homens brancos, jovens, atléticos, bonitos, e não afeminados, condições estas que excluem o corpo que não correspondem a tais características. Afastando-os e categorizando-os como indignos para a paquera e a efetivação de encontros com vistas a interação sexual. Entretanto, essa constante atualização e mudanças na visão de um corpo digno ou preferencial de desejo é frequentemente incrementada e, não raro, subvertida.

Por meio do relato dos participantes 1 (P1) e 4 (P4), apresentado na sequência, constata-se que os perfis que mais interessam aos usuários do Grindr na cidade de Parnaíba não se atualizam nos corpos malhados, atlético e jovens, por exemplo, mas nos que em outrora não eram considerados como corpos padrão.

Nosso campo de pesquisa colheu relatos como o de um usuário na faixa etária dos 20 anos, universitário e autodeclarado afeminado que afirma “curto da minha idade e caras mais velhos, tipo, não coroa, mas um pouco forte, mas o que me atrai mesmo é um cara parrudo, barbudo, peludo de 30 anos, nessa faixa etária” (P4). Se referindo ao perfil que costuma se interessar no aplicativo.

Essa questão é corroborada pela fala do participante 1 sobre o que ele pensa ou acha sobre os homens padrão de beleza: “chamam a atenção mais não me dá vontade, porque eu sei que eles têm um grupinho padrão, então eles procuram a semelhança, forte, as vezes barbudo, branco, as vezes tem esse negócio de cor, não pode ser afeminado, tem que ter uma faixa etária específica de idade, poder de compra, essas coisas, e por isso não me chama atenção” (P1).

Um ponto interessante nessa questão foi o fato de como o aplicativo dispõe de uma grande quantidade de perfis e estes podem ser escolhidos com base em aparência física foi evidenciado, durante as entrevistas, que ocorre um movimento de se relacionar com homens de perfis que não cumprem os requisitos de padrão de beleza hegemonicamente estabelecidos, mas uma procura por outros critérios.

Há uma separação bem definida no aplicativo: os homens padrão (brancos, altos, musculosos e não afeminados) ficam entre si, enquanto aqueles que não se adequam à norma (afeminados, negros, gordos, maduros) negociam os seus próprios encontros e relacionamentos. Esse seria o “lugar” que caberia aos perfis que não se adequam às normas hegemônicas de beleza e subjetivação: se relacionar também entre si. Formam-se dois grupos, 1. O grupo dos padrões e 2. O grupo dos que fogem a norma.

Nas palavras de um usuário do *Grindr*, é relatado que “os padrões me atraem, mas dificilmente eu chamo por que eu tenho muita dificuldade com rejeição, então eu não chamo quase ninguém eu deixo as pessoas me chamarem, pessoas assim preferem se relacionar com semelhantes, eu sei meu lugar” (P4). Completando que todas as vezes que tenta se relacionar com perfis considerados como padrão o seu perfil é rapidamente bloqueado.

Ao mesmo tempo que o *Grindr* possibilita essa vivência múltipla das sexualidades, é um espaço que também opera para produzir discursos individualizantes acerca das implicações políticas. A que servem as relações sigilosas e a não existência de sexualidades outras públicas? São questões que nos deparamos no decorrer da imersão juntos aos usuários do aplicativo. No relato de um usuário é afirmado que "ninguém da minha família sabe e nem precisam saber, eu não preciso levantar bandeira, eu sou minha prioridade" (P3). Nessa perspectiva, contanto que fique escondido é permitido.

No âmbito da discussão acerca do consumo sexual dos corpos, Preciado (2018) discorre que o capitalismo farmacopornográfico lança mão da *potentia gaudendi*, ou força orgásmica, onde não se leva em conta as diferenças de gênero, identidade sexual, não privilegia o pênis a vagina, mas se constitui como uma ferramenta maleável que não se restringe ao corpo biológico, ou seja, a carne, mas que mobiliza dimensões virtuais/digitais que operam na forma de um serviço sexual disponibilizado aos consumidores, que consomem a capacidade de gozo que certos corpos podem disponibilizar.

Questão, que assume uma forma paroxística atualizada na seguinte fala "a maioria tá sobre a alegação de 'pix', o aplicativo virou uma forma de gerenciar prostituição, 'tá' patrocinando a prostituição" (P3), onde o entrevistado se refere ao aplicativo como um local de compra de prazer sexual. De acordo com Patzdorf (2018), a representação dos corpos nus por meio de esculturas e imagens com ou sem a efetivação da relação sexual não é algo que aparece somente no contemporâneo, mas que já era representado desde o surgimento da linguagem, porém com características diferentes com as quais nos deparamos atualmente.

Ao final do século XIX, as representações do corpo nu e do sexo se afastam do artístico, cultural político e filosófico como uma prática subversiva que questionava a moralidade o poder religioso e a moral e desloca-se para o âmbito do consumo, com vistas a excitação sexual, sigilosa e individual. Assim, o *Grindr* descortina modalidades de relação e encontros onde essa mudança de perspectiva se efetiva por parte dos seus usuários, uma vez que estes não estão para questionar ou como menciona um dos usuários "levantar bandeira" (P3), mas para maior quantidade possível de obtenção de prazer e excitação do corpo.

4 Considerações Finais

Em nossa pesquisa, notamos que os discursos e práticas não-discursivas não são estáticos e acabados, estão sempre se modificando, em movimento. Assim, é imprescindível nos atentarmos para análises mais aprofundadas sobre os modos de subjetivação dos HSH, fora ou que estão inseridos nesses aplicativos, para refletir sobre as questões que dizem respeito às práticas normalizadoras, moralizantes e estigmatizantes.

Não raro a violência, presente não só nos aplicativos, mas também na sociedade influenciam outras esferas de HSH no âmbito psíquico, social, cultural e político, somando-se a isso as reverberações que a produção desses e de novos outros discursos podem ocasionar no que se refere a violências estruturais, programáticas e ao fortalecimento de tabus e estigmas frente à sexualidade e às diversas formas de relacionamentos entre homens.

Constatou-se, por meio do presente estudo, que o *Grindr* possibilita novas formas de se relacionar e experienciar a sexualidade e que deve ser levado em consideração para analisar as diversas nuances dos aplicativos e das relações entre homens no âmbito virtual. Foi possível observar um deslocamento no que diz respeito ao “boy padrão” no *Grindr* em Parnaíba com preferências para parrudos e ursos, na literatura não considerados como o foco dos desejos, além de o aplicativo em sua grande maioria de usuários, prezarem por uma não identificação em categorias pré-determinadas dentro da binaridade hetero/homossexual.

Outro ponto de fundamental importância para compreender as nuances das relações nos aplicativos giram em torno do sigilo. Além de ser um ponto que abre margem para uma questão que foi e está sendo produzida e que serve a um modelo de sociedade que se volta cada vez mais ao consumo, o sigilo também cumpre uma função de proteção frente aos discursos heteronormativos que favorecem violências físicas, problematizando que a vivência plena da sexualidade é experimentada de formas diferentes, não necessariamente estando atrelada a saída do armário, mas reorganizada sob o prisma de se viver a liberdade sexual, partindo do *Grindr*, que de certa forma, resguarda os seus usuários das retaliações morais.

Com isso, apontamos a urgência da criação de pautas para se discutir e pensar os limites e as potencialidades dessas modalidades de relacionamentos entre homens e como essa discussão pode possibilitar a análise crítica das normas sociais em torno da sexualidade que são replicadas nesses espaços. O *Grindr* pode ser um dispositivo para a reorganização das pautas de transformação social, questionando o que é dado como verdade absoluta sobre a vivência da sexualidade masculina.

Por fim, o estudo também permitiu contextualizar os discursos circulantes no Grindr, enquanto plataforma que afeta diretamente a vida dos HSH, e como esse aplicativo é um espaço frutífero para a investigação sobre os processos de subjetivação entre HSH sob uma ótica que vai além dos discursos em si, mas que permite analisar o que os produz e o emaranhado de estratégias e práticas não-discursivas que perfazem a vida e as subjetividades HSH. Logo, se o sigilo é uma das muitas entradas para analisar o discurso no *Grindr*, ainda é preciso que esse e outros temas que envolvem a discriminação e violência sobre as relações masculinas sejam debatidas.

5 Referências

- Butler, J. (2010). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio.
- Brasil. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. (2017). Prevenção combinada do HIV: bases conceituais para profissionais, trabalhadores (as) e gestores (as) de saúde. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/2017/prevencao_combinada_bases_conceituais_web.pdf/view. Acesso em 23/01/2023
- Cardoso, J. G. M., Paz, B. M., Rocha, K. B., & Pizzinato, A. (2019). Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. *Psicologia USP*, 30. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180160>
- Fernandes, C. A. (2011). Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault. *Laboratório de estudos discursivos, Uberlândia, ano, 2*, 1-19.
- Fernandes, A. de O., & de Souza, L. F. (2020). Discursos político-religiosos como armas de guerra: heteroterrorismo em ação contra sexualidades dissidentes. *Letrônica*, 13(2), e36176. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.2.36176>
- Foucault, M. (1996). *Ordem do discurso (A)* (Vol. 1). Edições Loyola.
- Foucault, M. (1999). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. M.T. C. Albuquerque e. J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e de grupais. Em M.W. Bauer & G. Gaskell (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático* (pp.64-89). Petrópolis: Vozes.
- Grindr. O maior aplicativo de rede social do mundo para gays, bi, trans e queer. 2022. Disponível em: <https://www.grindr.com/>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- Jesus, D. S. V. (2017). ‘Só macho na encolha’: a heteronormatividade em aplicativos de redes geossociais gays em territórios criativos do Rio de Janeiro. *Revista Ártemis*, 23(1).

- Junior, A. B. (2014). Corpo, masculinidade e efeminização: uma análise da produção dos sujeitos homossexuais on-line. *Letras*, (48), 303-322.
- Lachi, P., & Navarro, P. (2012). O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetiva. In: *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas*, EDUEM, 15-39.
- Medeiros, E. S. (2017). De “não curto afeminado nem pra amizade” a “por que tantos heteronormativos?”: masculinidades e discursos dominantes e táticos nas fachadas do Grindr. *Revista Ártemis*, 23(1).
- Miskolci, R. (2013). Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*, 21, 301-324.
- Miskolci, R. (2017). *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Autêntica.
- Monica, E. F., & Costa, R. S. (2020). PRIVACIDADE, LIBERDADE SEXUAL E SIGILO: sentidos de liberdade no aplicativo Grindr. *Educação*, 8(2), 99-116.
- Nepomucena, K. C., & de Almeida Pereira, L. (2020). Memórias afetivas na era digital: um passado não tão distante. *Revista Aedos*, 12(26), 130-147.
- Levy, P. (2010). *Cibercultura*. Editora 34.
- Patzdorf, D. (2018). Corpo, mídia e sexo no século XXI: da pornotopia para a atopia sexual. *Mediapolis–Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, (7), 171-184.
- Policarpo, V. M. N. D. M. (2016). Para lá da heteronorma: subjetivação e construção da identidade sexual. *Revista Estudos Feministas*, 24(2), 541-562.
- Preciado, Paul. (2018). *Testo Junkie*. N-1 edições.
- Rios, R. R. (2007). O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. *Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea*, 27-48.
- Sedgwick, E. K.. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, (Cad. Pagu, 2007 (28)), 19–54. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>

Saraiva, L. A. S., Santos, L. T. D., & Pereira, J. R. (2020). Heteronormatividade, masculinidade e preconceito em aplicativos de celular: o caso do Grindr em uma cidade brasileira. *BBR. Brazilian Business Review*, 17, 114-131.

<https://doi.org/10.15728/bbr.2020.17.1.6>

Toniette, M. A. (2006). Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. *Revista brasileira de sexualidade humana*, 17(1).